

## A coragem feminina no preâmbulo do Êxodo

*The female courage in the preamble of the Exodus*

*Kerlington Pimentel de Freitas<sup>1</sup>*

**Resumo.** O objetivo deste artigo é apresentar a preocupação social de personagens femininas numa das tradições mais conhecidas no mundo judaico-cristão e como sua atividade na história de um líder de uma nação em formação, puderam influenciar este povo e transmitir, através de alguns relatos narrados em seu livro sagrado, às gerações futuras axiomas e axiologias fundamentais para o arcabouço de uma nação monoteísta e que influenciou a história do mundo conhecido, abordando o pensamento da libertação teológica, contextualizando os capítulos iniciais do livro do Êxodo, projetando-o na sociedade hodierna. Analisar o trecho preambular do referido livro, nos convoca a (re)pensar toda a teologia no antigo testamento e refletir de realmente qual seria o papel das comunidades eclesiais na “pós-modernidade”.

**Palavras-chave:** Coragem, Social, Vocação

**Abstract:** The purpose of this article is to present the social concern of female characters in one of the best known traditions in the Judeo-

---

Artigo recebido em: 18 ago. 2017

Aprovado em: 21 dez. 2017

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Policiais e Ordem Pública, na Polícia Militar do Espírito Santo e em Direito na Universidade de Vila Velha-ES. Pós-graduado em Direito Público pela Faculdade de Direito de Vitória-FDV, Escola de Ensino Superior do Ministério Público/ES. MBA em Gestão Executiva no Insper / Harvard Business School. Atualmente é Advogado-Sócio no escritório Pimentel de Freitas Advogados, Docente da Pós-Graduação em Segurança de Voo e Direito Aeronáutico da Universidade Anhembi-Morumbi – SP, , Mestrando em Ciências das Religiões – Faculdade Unida/ES, Doutorando em Direito e Ciências Sociais – Universidade Nacional de Córdoba/AR.

Christian world and how their activity in the history of a leader of a nation in formation, could influence this people and to transmit, through some stories narrated in His sacred book, to the future generation saxioms and axiologies fundamental to the framework of a monotheistic nation and that influenced the history of the known world, approaching the thought of theological liberation, contextualizing the initial chapters of the book of Exodus, projecting it in modern society. Analyzing the preambular section of this book, it calls us to (re) think all Old Testament theology and to reflect really on the role of ecclesiastical communities in “postmodernity”.

**Keywords:** Courage, Social, Vocation

## Introdução

Podemos tirar lições grandiosas destes eventos preambulares do livro do Êxodo da Bíblia e, aplicarmos hoje na realidade pós-moderna<sup>2</sup> e realizarmos uma reflexão endógena e exógena, a respeito da tradição eclesiástica.

Neste sentido, Karl Rahner, que entre outros temas, aborda o pluralismo religioso, a espiritualidade, o pós-modernismo, o ecumenismo, a ética e seus desdobramentos na política, frisa que a busca apenas pela inspiração religiosa poupando do esforço de reflexão paciente, trabalhosa e monótona, não deveria aventurar-se a acompanhar esta investigação<sup>3</sup>.

De acordo com Antônio Neves de Mesquita, à primeira vista, parece que os egípcios foram desumanos, ao reduzirem à dura servidão os povos forasteiros<sup>4</sup>. Por muitas outras fontes históricas, sabemos até que não eram tão tiranos como foram os assírios mais tarde.

O domínio na Palestina teve o triste efeito de amolecer a fibra dos nativos, fazendo-os descansar no apoio e direção exteriores, mas não sabemos que fossem maltratados nem deportados.

---

<sup>2</sup>Adotaremos neste artigo a definição de pós-modernidade à uma tendência nova e complexa de pensamento. Começando como uma crítica da Filosofia continental e foi influenciado pesadamente pela fenomenologia, estruturalismo e existencialismo.

<sup>3</sup>RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 1989.

<sup>4</sup>MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo do Livro do Êxodo*. 1979.

O cativo, pois, decorria de duas circunstâncias: A primeira relaciona-se com a possível tentativa de retomada do poder pelos usurpadores estrangeiros. Os hicsos tinham sido expulsos e deveriam estar bem longe das fronteiras egípcias, mesmo porque, logo a seguir à sua expulsão, entrou o Egito nas suas conquistas da Palestina, tornando mais difícil qualquer tentativa de reconquista por elementos externos. Em segundo lugar, uma numerosa população alienígena, com liberdade de movimentos, não deixava de ser um perigo potencial para o Estado. Se não houvesse mesmo perigo externo, os estrangeiros no país bastavam para criar embaraços. Portanto, tratá-los como elementos perigosos era medida de segurança nacional.

Por outro lado, o Egito entrou numa era de grandes construções públicas e religiosas, de que nos dão conta as informações colhidas em seus próprios monumentos. As cidades-silos, construídas pelos israelitas, o grande templo de Karnac, uma das obras mais estupendas da antiguidade, novos canais para irrigação da terra, eram apenas uma parte dessa febre de construções.

Os egípcios eram fidalgos, e não iriam fornecer mão-de-obra para tantas construções. Além disso, a praxe era que os estrangeiros fizessem o trabalho mais difícil, deixando-se aos nativos o mais fácil. Assim, seria perfeitamente natural que não só os israelitas, mas todos os estrangeiros recebessem duras tarefas. Pelo lado do divino, havia o intuito de levar essa gente acostumada à vida fácil e abundante a desejar uma situação mais favorável. E, para se conseguir levar esta multidão a lembrar as antigas promessas, só um meio como este seria capaz de produzir tal desejo.

## **1. A coragem feminina**

Encontramos um relato interessante sem muitos “efeitos especiais” que nos salta aos olhos alguns acontecimentos curiosos e passados despercebidos muitas vezes<sup>5</sup>, que nos

---

<sup>5</sup>C.f. Ex 1:15-21

façam crer numa atuação fenomenológica atraente para nossa era.

Segundo o Matthias Grenzer, as oposições marcam também o conjunto das personagens presentes na narrativa<sup>6</sup>. Nesse sentido, podem ser observados o povo hebreu e o povo do faraó, ou as mulheres egípcias e as hebréias.

Por excelência, porém, envolvendo toda a história, cria-se um contraste entre as duas figuras centrais da narrativa: de um lado, o rei do Egito, ou seja, o Faraó e, de outro lado, as duas parteiras em oposição ao mais poderoso.

Não obstante, é o faraó quem mais fala. Suas três falas, ou seja, duas ordens e uma pergunta acusadora são intercaladas por apenas uma resposta das parteiras.

Primeiramente, podemos destacar o fato do Faraó, deus e soberano do Egito, ordenar às parteiras, empregadas de baixo escalão na hierarquia do Estado Egípcio, ter dado ordem para que se fizesse o serviço “sujo” de assassinar crianças. Note-se aqui que até o nome do próprio Faraó foi suprimido dos relatos bíblicos enquanto o nome das duas mulheres, de papel subalterno na atividade administrativa e social do governo, são destacadas com seus nomes שִׁפְרָה [Shiphrah], que se traduz por “claro” e פִּוְחָה [Puwah], “esplêndida”. Vejam que interessante, o “Sol do Egito” ofuscado por duas mulheres: Clara e Esplêndida.

A ordem era bem simples, matar todos os meninos hebreus que nascessem com vida, ou seja, quando as parteiras estivessem exercendo seu ofício, trabalhando, tinha, que executar uma ordem bem simples: Matar os meninos!

O texto nos diz que as parteiras desobedeceram à ordem de Faraó “todo-poderoso”. Todavia, as parteiras temeram<sup>7</sup> a Deus e não fizeram como o rei do Egito ordenara e, aos serem questionadas a respeito de sua missão as parteiras de pronto contestaram ao seu Líder-Deus, que as mulheres hebréias não são como as egípcias. Eram vigorosas e, antes que lhes chegassem as parteiras, já tinham dado à luz os seus filhos. Esta foi a justificativa dada ao Faraó por ocasião dele mesmo perceber que sua ordem não tivera dado o efeito esperado.

---

<sup>6</sup>GRENZER, Matthias. O Projeto do Êxodo. São Paulo: Paulinas, 2007.  
<sup>7</sup>יָרָא [yare] - temer, reverenciar, honrar, respeitar.

Abrimos aqui um pequeno parêntese para divagar na justificativa das parteiras.

No episódio do nascimento de Benjamin<sup>8</sup>, vemos uma narrativa interessante de qual era a dificuldade de se parir naquelas condições de vida. O parto por aquela época não era uma coisa fácil ou simples de se acontecer. Foi tão doloroso para Raquel o trabalho de parto que ao morrer, por causa do parto, ela sugere o nome de seu filho de Benoni<sup>9</sup>. Frisamos, era muito complicado o trabalho de parto naqueles dias.

Com coragem tamanha, as parteiras inventaram uma desculpa inacreditável, ao se afirmar que as hebréias eram mais “vivas” que às egípcias e quando eram solicitadas para auxiliá-las, já se tinham dado à luz.

A Bíblia nos relata por derradeiro que por esta posição firme e corajosa das parteiras, Deus as fez bem. Deus as abençoou, porque elas o temeram. A expressão do versículo 17 é repetida com sentido enfático. Ele concedeu-lhes que tivessem sua própria família, o que comumente, os clãs eram estabelecidos para os homens e Deus permitiu que tais mulheres possuíssem suas próprias<sup>10</sup>, porque elas eram fiéis a Ele.

A partir disto, como podemos ver e infirmar, este episódio na história e trazer para nossa realidade atual? Percebe-se que durante toda a narrativa, interessa a Deus proteger o necessitado, o desafortunado, o condenado à morte e o sem esperança.

Parece, e digo “parece”, pois nos cabe a reflexão conjunta de que exista a eleição de pessoas para realizar o trabalho de ajuda ao fraco e indefeso.

## **2. Tirando das águas o necessitado**

Seguido a narrativa bíblica e Faraó não satisfeito com o trabalho “mau” feito das parteiras, ele manda que o povo faça seu trabalho. A partir daí mais uma mulher, até agora anônima

---

<sup>8</sup>Cf. Gn. 35:17 e 18

<sup>9</sup>בְּנֹנִי – “filho do meu sofrimento”.

<sup>10</sup>C.f. Gn18.19

aparece na narrativa bíblica, que esconde seu nascituro por três meses.

Todavia, faremos um corte em nossa digressão para comparar duas personagens com destinos parecidos.

Descoberto nos arquivos assírios em Nínive, a lenda de Sargão narra, em linguagem fantástica, o nascimento, ascensão e reinado de Sargão da Acádia, que estabeleceu seu império na Mesopotâmia por volta de 2300 a.C. Sargão II (721-705 a.C.), um rei assírio posterior que procurou emular seu nome em razão de sua rápida ascensão ao poder, provavelmente autorizou os escritos dessa lenda.

A lenda de Sargão concorda com várias características encontradas na narrativa do nascimento de Moisés<sup>11</sup>. A mãe de Sargão era uma alta sacerdotisa (reminiscente da linhagem levítica de Moisés).

Após seu nascimento secreto, Sargão teria sido posto numa “cesta de juncos”, que fora “coberta de piche” e colocada num rio. “Aqui, um tirador de água”, resgatou o infante, adotou-o e o criou para ser fazendeiro. Certo dia, ele achou graça aos olhos da deusa “Istar” e foi coroado rei.

Os relatos do nascimento de Moisés e de Sargão empregam o mesmo estilo literário, no qual um herói é exposto à morte durante a infância para depois ser resgatado e alcançar a grandeza. A trama da lenda de Sargão enfatiza a impressionante e miraculosa natureza do florescimento do herói da obscuridade à honra. No caso de Sargão II, o uso do artifício pode ter sido uma tentativa deliberada de legitimar sua ascensão ao poder.

A narrativa bíblica, entretanto, contém muitas ideias exclusivas, como a ameaça de um genocídio nacional, a tentativa de esconder a criança e seu retomo temporário à mãe legítima. Embora o relacionamento entre as narrativas sargônica e mosaica ainda sejam objeto de debate, os detalhes sobre o nascimento de Moisés são inquestionáveis e apresentam seu papel heroico no plano de Deus.

É importante levar em consideração que o conto ficcional e encomendado por Sargão II foi escrito bem depois da narrativa factual e bíblica do início da vida de Moisés.

---

<sup>11</sup>C.f. Ex. 2.1-10

E a mulher concebeu, e teve um filho.

Como o texto nos mostra, este não era o primeiro filho do casal da tribo de Levi. A irmã mais velha de Moisés chamava-se Miriã. Arão era três anos mais velho do que o menino nascido<sup>12</sup>.

E, vendo que ele era formoso. A palavra traduzida como formoso [טוב], é um termo comum e pode ser entendido como bom. Tal observação é normalmente feita pelas mães amorosas ao ver seu bebê pela primeira vez. Como podemos ver, não é tarde, nunca é tarde demais para libertar o oprimido, para lutar e se posicionar contra o sistema opressor.

Após o nascimento, a mulher escondeu seu filho das autoridades, que tinham permissão para jogá-lo no rio. Todavia, após três meses, não foi mais possível que ela mana tivesse a criança consigo<sup>13</sup>.

Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos e a betumou com betume e pez; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à borda do rio. Assim como a arca construída por Noé foi o meio pelo qual a família se salvou do dilúvio<sup>14</sup>, esta arca de juncos, um cesto, seria o meio pelo qual aquele bebê escaparia do destino imposto pelo rei do Egito.

A mãe tinha esperanças de que alguém o encontrasse e o adotasse. Ela mandou que a irmã, a terceira mulher em nossa investigação, observasse o que aconteceria.

A filha do faraó era provavelmente uma de suas duzentas filhas. Mesmo que os egípcios tivessem o costume de banha-se regularmente, o banho no Nilo era um ritual de imersão em águas que se acreditava ser sagradas.

O bebê era um dos filhos dos hebreus. Um menino hebreu era circuncidado no oitavo dia de nascido. Embora a circuncisão também fosse praticada pelos egípcios, esta não era feita em crianças. Ao desenrolar as vestes do menino, a mulher provavelmente percebeu a sua marca especial. A filha do faraó não estava preparada para cuidar de uma criança. Visto que era um bebê hebreu, quem seria melhor para tratar dele do que uma ama daquele povo?

---

<sup>12</sup>C.f. Ex 7:7

<sup>13</sup>C.f. Ex 1:22

<sup>14</sup>C.f. Gn 7:1

E foi-se a moça. O termo hebraico traduzido como moça indica que a irmã era uma jovem mulher em idade para o casamento. A mesma palavra é traduzida como virgem<sup>15</sup>. Miriã era, provavelmente, uma menina na adolescência. Deus não apenas protegeu a criança da morte no rio por intermédio da filha do faraó<sup>16</sup>, como também proveu um salário para que a mãe cuidasse de seu próprio filho por meio do tesouro do rei do Egito.

Após um prolongado período de cuidados com a criança, a mãe levou o menino já crescido para a filha do faraó, que o adotou.

A princesa se comove: não entende a razão do Estado que os homens invocam, não se dobra à política desapiedada de seu pai, não despreza a raça estrangeira; está em favor da vida. A mãe serve de ama-de-leite do seu próprio filho e o cria para a princesa.

Somente depois de crescido que a filha do Faraó lhe dá um nome. Provavelmente, o nome Moisés está relacionado à raiz egípcia *ms*, que significa nasceu ou nascido e é comumente encontrada em nomes desta origem.

Por exemplo, *Tutmosis* significa “o bom” e *Tut*, “nasceu”. A filha do faraó explica o significado do nome Moisés: Porque das águas o tenho tirado. Em hebraico, Moisés<sup>17</sup> quer dizer aquele que é retirado.

Aquele que era para ter sido afogado no rio, aquele pobre menino escravo, oprimido em seu tempo, refugiado e estrangeiro em terra estranha, seria aquele que faria uma nação *passar*<sup>18</sup> pelas águas.

## Conclusão

Até onde falamos no sentido da “teologia da Liberação ou da Libertação”, tratando de estabelecer uma definição podemos tentar tratá-la, no sentido de ser uma mensagem de

---

<sup>15</sup>C.f. Is. 7:14

<sup>16</sup>C.f. Ex. 1:22

<sup>17</sup>מֹשֶׁה [Mosheh]

<sup>18</sup>פָּסַח [pecach] - passar por cima, saltar por cima.

liberdade espiritual, econômica, política, social, sexual e cultural de toda forma de opressão. Esta base teológica de Deus como libertador, e a mensagem de libertação é para tanto para o oprimido ou opressor.

É interessante notar que estas mulheres que foram destacadas alhures, foram a base para o nascimento de um povo novo na antiguidade, e mesmo apesar disto, as mulheres foram relegadas a um plano inferior desde a antiguidade até bem pouco tempo no Estado Democrático de Direito.

Pudemos assinalar a coragem e eficiências das mulheres desconhecidas na tradição judaico-cristã, sua preocupação com o aflito e, diametralmente oposta a relegação à segundo plano na história.

Estas mulheres, em uma discreta aparição no preâmbulo do livro do Êxodo, nos convidam a refletir sobre nossas posições formadas a despeito da importância de pessoas em nossa sociedade, mormente do necessitado.

### **Referências**

A BÍBLIA de Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2017;

ESCOBAR, Samuel. La fe evangélica y lasteologías de laliberación. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1987;

ESCOBAR, Samuel. Missiologia evangélica: olhando parao futuro na virada do século. Londrina: Descoberta, 2001;

GRAHAM, Billy & outros. A Missão da Igreja no Mundo de hoje – As principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, Suíça, ABU Editora, São Paulo, 1982.

O CONGRESSO DE LAUSANNE. A Missão da Igreja no mundo de hoje: Suíça. São Paulo: Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1982;

STOTT, John R. W. A Missão Cristã no Mundo, Arte Editorial, 2008, p.35;

SHEDD, Russell P. A justiça Social e a interpretação da Bíblia, Edições Vida Nova, São Paulo, 1984;

T. F. Torrance, Karl Barth: An introduction to his early theology: 1910 1931, Bloomsbury Street, London: SCM Press, 1962), p. 15-25;

GRENZER, Matthias, O Projeto do Êxodo, São Paulo: Paulinas, 2007;

RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé. São Paulo: Paulus, 1989.

SKA, Jean-Louis, O Canteiro do Pentateuco, São Paulo: Paulinas, 2016;

MESQUITA, Antônio Neves de Mesquita, Estudo no Livro do Êxodo, Rio de Janeiro: Juerp, 1979.